

SEXISMO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ivanilza Tavares Leguisamão Lenz¹

Roberta de Siqueira Ribas²

Erika Karla Barros da Costa Silva³

Eixo temático: Prática Pedagógica e sua Relação com a Teoria.(percepções)

Categoria: Comunicação Oral

RESUMO

Apresentamos neste artigo a análise do ensino e aprendizagem com foco no sexismo escolar, o qual historicamente tem influenciado o pensamento cultural e comportamental da sociedade. Nossa investigação está pautada nas práticas pedagógicas, nos conteúdos dos livros didáticos e no pensamento preconcebido dos professores (as) em relação às capacidades intelectuais e comportamentais dos alunos (as) tendo como referência o gênero. Para melhor compreensão apresentamos a história das mulheres, pontuamos alguns acontecimentos que caracterizam as lutas, discriminações e conquistas. Contudo pretende - se constituir um novo olhar sobre as questões de igualdade e valorização do ser humano, para que as transformações aconteçam à escola precisa ser um espaço democrático e de oportunidades para todos.

Palavras-Chave: Ensino e aprendizagem; Sexismo; Investigação; História.

INTRODUÇÃO

As heranças históricas são introduzidas de forma natural e até inconsciente pela sociedade e cultura familiar. As definições dos papéis ditos femininos e masculinos foram estabelecidas por nossos antepassados e continuam a caracterizar discriminação, desigualdade e aceitação passiva das gerações posteriores. Os acontecimentos históricos como foram registrados pelos historiadores, de acordo com suas perspectivas e intenções, revelam a supervalorização do sexo masculino, como centro do universo. Esta concepção pode ser entendida como androcêntrica e está enraizada na sociedade, por diversos fatores, são eles religiosos, mitológicos, entre outros, que em seu contexto inferiorizam o sexo feminino tornando- o sem expressão.

¹ Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/ UNAES, email iva.lenz@hotmail.com

² Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/UNAES email robertadesiqueiraribas@hotmail.com

³ Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande/ UNAES e SEMED, erika.barroscosta@anhanguera.com

Reconhecendo a escola como um espaço de formação humana, de transmissão de valores morais, culturais e sociais, logo a escola tem sua parcela de responsabilidade pela perpetuação das diferenças entre os gêneros.

Pensando nesta problemática o objetivo central desta pesquisa consiste em investigar o ensino e aprendizagem da atualidade, procurando identificar as razões pelas quais existem tantas dificuldades para quebra deste paradigma. Todavia, a escola também pode ter práticas sexistas por simples ignorância, por não refletir sobre as práticas pedagógicas com isso acabam fortalecendo a desigualdade.

Para orientar nossa pesquisa apresentamos os tópicos que compõem a elaboração deste artigo:

- A história das mulheres;
- Sexismo escolar;
- Os livros didáticos, as gravuras e contexto;
- Reprodução androcêntrica por parte dos professores (as);
- Sugestão de atividades que promovem a inserção das mulheres na construção histórica.

A entrevista com uma professora procura investigar o fazer pedagógico, sobre questões de organização, quanto às filas e separação por gênero. A realização de atividades e atribuições de cores de acordo com a “velha cultura” do rosa para menina e azul para meninos. Os livros didáticos em sua composição, quanto ao contexto e gravuras, tendo como objetivo identificar as imagens que enfatizam estereótipos, como as que relacionam as mulheres aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos (as). Sobretudo pretende-se entender qual a concepção da professora entrevistada, quanto ao androcentrismo.

Com base nos resultados desta pesquisa sugerimos algumas atividades que incentivam a valorização das diferenças, assim também a inserção das mulheres na construção histórica, pois muitas vezes foram silenciadas pelas relações de poder.

1. A HISTÓRIA DAS MULHERES

Os registros históricos apontam que as mulheres não tiveram grandes participações nos momentos decisivos da sociedade, isso por que são valorizadas as guerras, lutas por territórios e bens, um cenário bem conhecido e dominado pelo sexo masculino. Não cabe a

nós neste momento discutir se são atos heroicos ou não, porém deve considerar sempre outras formas de resolver os problemas sem precisar usar de violência.

O fato é que segundo a história cultural as mulheres ficavam em casa se dedicavam aos afazeres domésticos e a criação dos filhos (as), sem negar a importância destas atribuições, esta informação nos leva a entender hipoteticamente que as mulheres dependiam integralmente dos homens, que seriam eles os provedores de alimentos, roupas e moradia, em outros relatos da história as mulheres aparecem em meio à coletividade de grupos excluídos “camponeses, negros e mulheres”, principalmente as mulheres negras escravas.

A relação das mulheres com o trabalho não foram bem esclarecidas, pois as mulheres que faziam o trabalho doméstico eram as mesmas que trabalhavam nos campos de plantações rurais, carpiam, preparavam a terra e carregavam grandes fardos de sementes em seus ombros. Aqui nos deparamos com a controvérsia que as mulheres são sexo “frágil” quando na verdade as mulheres são especialistas, em atribuir responsabilidade para si mesma privilegiando o bem estar da família.

Com a revolução industrial as mulheres foram as primeiras a integrar as fábricas e paralelamente houve a necessidade de criação de espaço para cuidar das crianças, e conseqüentemente as escolas. Porém logo as indústrias foram dominadas por homens, os mesmo consideravam que as mulheres os deixavam constrangidos no ambiente de trabalho, então trataram de expulsá-las.

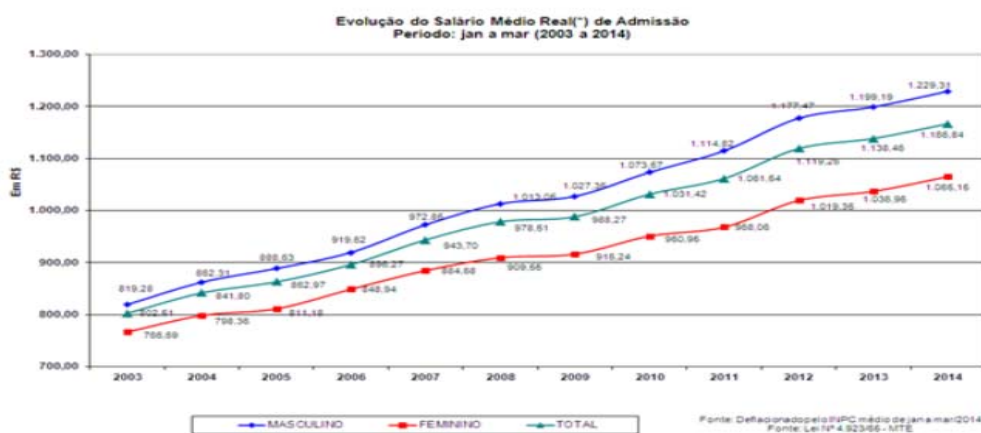
Por sofrerem assédio moral e sexual, as mulheres se viram obrigadas a abandonar seu lugar no mercado de trabalho, o que demonstrou um grande retrocesso, para ascensão feminina. Por trás das atitudes masculinas havia sempre algo subtendido, existia a preocupação em gerar filhos ilegítimos, questões como honra moralidade, religião e poder, sempre atribuíram às mulheres um caráter passivo marcado pela inferioridade.

Em função de tantas injustiças começam a aparecer os primeiros movimentos feministas, em 1960 nos EUA, mesma época que inventaram as pílulas anticoncepcionais, então a mulheres tiveram a oportunidade de decidir quando ter filhos, e se libertar de comportamentos restritos, em relação à vida sexual.

A partir de então começam a interessar os assuntos sobre o sexo feminino, na Inglaterra uniram-se historiadores em torno do History Workshop e nos EUA, desenvolveram os Women’s Studies e nascem as revistas Signs e Feminist Studies. Estes movimentos se espalharam pelo mundo e chegaram ao Brasil nos anos 70, logo as feministas deixam de ocupar a posição de oprimidas para dar lugar às mulheres “rebeldes”, a palavra parece

pesada, mas o desejo era justo e necessário, pois o objetivo era atuar no cenário social e cultural.

Embora na atualidade as mulheres ocupem cargos de alto escalão, são independentes, no entanto ainda existe o preconceito no âmbito profissional, existem questionamentos quanto à capacidade intelectual mesmo sem nenhuma comprovação científica, há desconfiança sobre o controle emocional, dúvidas sobre a forma como as mulheres se comportam do trânsito, em fim, o fato é que na maioria das ocasiões estas ideias preconcebidas, não estão abertamente declaradas, mas são sentidas pelas mulheres, que por sua vez encontram honra em tentar superar. Uma das desigualdades é a diferença salarial entre os sexos, veja gráfico:



Fonte: http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho_/salario-medio-de-admissao-de-mulheres-mercado-de-trabalho-aumenta-em-2014/

Como podemos observar não há nada que justifique tal diferença, o que se sabe é que as lutas das mulheres não terminaram e ainda restam muitos desafios, porém não há dúvidas sobre a força e determinação do sexo feminino.

2. SEXISMO ESCOLAR

A prática pedagógica reproduz uma concepção sexista quando adota procedimentos diferenciados a meninas e meninos. Para investigar a educação na atualidade, realizamos uma entrevista com uma professora do quarto ano do ensino fundamental, a mesma está cursando o sétimo semestre do curso de pedagogia.

As respostas para os questionamentos elencados nesta entrevista qualitativa podem ajudar a compreender como está a qualidade do ensino e aprendizagem, na universidade,

assim também os cursos de formação continuada se consideram relevante à discussão sobre o sexismo e quais ações práticas estão sendo desenvolvidas junto à gestão escolar.

Todavia os resultados da pesquisa serão válidos, para analisar o ensino e aprendizagem nesta escola especificamente, para ter um parecer mais amplo seria necessário estender o campo de pesquisa em outras escolas, podendo assim ter um parecer mais abrangente sobre o sexismo em uma comunidade ou cidade, no entanto o intuito neste momento é trazer a luz à discussão.

2.1. A organização e segregação de alunos nas atividades didáticas

A professora relatou que ao organizar as filas, os alunos (as) são posicionados por ordem de tamanho, não faz muitas interferências. E nas atividades didáticas a professora admitiu que neste mesmo dia em que realizamos a entrevista, ela teria feito uma atividade de elaboração de cartões presentes, para isso realizou a contagem de alunos e distribuiu os papéis da cor rosa para as meninas e azul para os meninos. Uma aluna teria pedido para trocar a cor, mas a professora não permitiu.

Questionamos a professora sobre a proibição a mesma disse que argumentou que a cor rosa seria mais adequada, e já está acostumada a designar cores, que não havia pensado nesta questão do sexismo. Vejamos as considerações da professora Elaine Chagas (1991):

Durante um longo período, que se estende do Renascimento até os dias atuais (modernidade), existiram homens que, em nome da ciência, proclamaram o slogan do “viva a diferença” e exaltaram o azul e o rosa, símbolos que, muitos mais que simples cores, tatuaram no recém-nascido os primeiros signos representativos dos diferentes papéis sexuais, que lhes caberia na sua existência (p.29).

A autora está se referindo as contradições da modernidade, que dizem valorizar as diferenças, mas no fundo estão enfatizando as cores que historicamente denominam a singeleza e fragilidade simbolizadas pela cor rosa, e contrapondo-se a essas características a cor azul, que se reporta ao menino como sexo dominante e lutador.

Sabemos que as crianças integram a escola com alguma concepção sobre seu “sexo” essas características correspondem à natureza e ao convívio familiar, conforme a autora Montserrat (1999):

A discriminação da mulher começa muito cedo, no momento do nascimento ou mesmo antes. Quando meninas e meninos chegam á escola, já tem interiorizada a maioria dos padrões de condutas discriminatórias (p. 30).

Portanto o ambiente escolar potencializa as características de cada pessoa, assim despertam a inferioridade nas meninas e estimulam a autoconfiança nos meninos.

Os brinquedos manuseados pelas crianças tem relação com a realidade ou com o mundo imaginário, ao limitar uma criança a um tipo de brincadeira ou brinquedo, estamos impedindo que ela desenvolva habilidades para definir o que pretende ser, ou o que pensa sobre si mesma.

Contudo, existem educadores que almejam romper as tradições, sustentam uma pedagogia centrada na educação neutra, nesta concepção entende-se que se devem dar as crianças liberdade para escolherem seus brinquedos e roupas, sem interferências.

2.2. Os livros didáticos, as gravuras e contextos

Segundo a professora, o livro didático adotado possui uma linguagem sem estereótipos.

No entanto, para elaboração deste artigo compreendemos que o sexismo e a concepção androcêntrica estão implícitos nos fatos históricos, simplesmente pela forma como os historiadores fizeram os registros dos acontecimentos.

Montserrat (1999) diz: “A imagem da mulher e do homem que passa aos alunos por meio dos conteúdos do ensino contribuem intensamente para formar seu eu social”. Esse pensamento evidencia as diferenças nos padrões comportamentais presentes na sociedade.

2.3. Reprodução androcêntrica por parte dos professores

A professora entrevistada relatou que procura desenvolver um planejamento flexível, com direito a escolha, seja de cor ou de objeto, porém, na prática comete erros e acaba reproduzindo uma visão androcêntrica.

Conforme falamos anteriormente, andocentrismo é a palavra que significa “homem centro do universo”, o ser dominante entre as espécies, enquanto muitas ideologias mudam com o tempo, o andocentrismo torna-se menos visível e discutido.

Muito se fala sobre igualdade, mas o que se observa é que o discurso não ultrapassa as barreiras culturais. A supervalorização do sexo masculino tem origem histórica e religiosa, a cultura dá força sobre a fraqueza, do vencer a qualquer preço está implícito na sociedade.

O sexo feminino pouco mencionado nos atos heroicos, quase sempre vítima de discriminação, até mesmo em nossa linguagem, muitas palavras masculinas são usadas para

referir-se a coletividade, exemplo: homens, muitas vezes esta palavra aparece como sentido de humanidade como um todo, o mesmo se aplica a palavra professor, frequentemente usamos para definir os professores e professoras. Outro fator é descrito pelo autor Alvaro García Meseguer (apud Montserrat, 1999), ele nomeou como “salto semântico”, por exemplo, em uma frase usa-se o gênero gramatical masculino em sentido amplo e o conteúdo revela que se refere especificamente ao sexo masculino. Meseguer diz que:

[...] constitui um dos mecanismos mais sutis de discriminação sexual, ao reforçar em nosso subconsciente a injusta e tradicional identificação entre os conceitos homem e pessoa (apud Montserrat, 1999, p. 54).

Ele enfatiza que a linguagem contribui para acentuar a discriminação e injustiças. Contudo entre o que está subentendido e o que é tradicional, as meninas acabam ficando sem referência, espelha-se nas mães que são as mais responsáveis pelos afazeres domésticos, mesmo trabalhando fora, atribuem a si mesmas uma jornada dupla de trabalho, veja o que diz a autora Montserrat (1999):

Se a mulher tolera, é por que ela mesma participa do pensamento androcêntrico E tem inconscientemente aceitado todas as suas ideias; e mais, em inúmeras ocasiões é a sua principal defensora e, na maioria das vezes sua mais fiel transmissora (p. 25).

Montserrat enfatiza que as mulheres tem parte na responsabilidade pela reprodução do comportamento androcêntrico em seus lares, as meninas têm mais atribuições domésticas que os meninos. E isso se estende ao ambiente de trabalho, na educação escolar, as professoras são a maioria, porém, não costumam refletir sobre a prática pedagógica e ainda ensinam como aprenderam.

3. SUGESTÃO DE ATIVIDADES QUE PROMOVEM A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

3.1 Atividade 1

Observa-se que os (as) adolescentes estão interessados em ler livros de aventuras e ação, são best-sellers que se tornaram filmes, como Harry Potter, que se tornou um clássico, apesar de ter um texto longo, tem sido um dos preferidos dos educandos.

O professor (a) poder organizar encontros literários, para discutir sobre o livro e personagens, na atividade pode-se propor uma resenha crítica sobre a personagem feminina, uma das bruxas mais expressivas da história a Hermione.

Organizar a sala com cenário e imagens do filme, convidar outros alunos para ouvir as indicações do livro, e a observações sobre a personagem em questão.

Resultados esperados: Pretende-se a interação entre os alunos (as) para organizar a sala e destacar a personagem feminina.

3.2 atividade 2

Solicitar uma pesquisa de fatos relevantes da vida de uma mulher que atue ou atuou em um setor importante da sociedade, também deve prever a duração da atividade, quantidade de aulas e marcar um dia para as apresentações.

A pesquisa será orientada pela (o) professora (o), alguns alunos (as) realizarão a investigação, o restante da sala que não apresentou irá formular perguntas para iniciar um debate, sobre a personalidade escolhida e analisar as suas contribuições para a sociedade.

Resultados esperados: Esta atividade incentiva à pesquisa agrega conhecimentos sociais, estimula a oralidade e o pensamento crítico.

3.3 Atividade 3

Nesta atividade será analisada uma obra de arte, utilizamos como exemplo o quadro Independência ou morte do artista Pedro Américo, onde mostra homens em ato de guerra, logo, irão observar vários aspectos da imagem, o cenário, as vestes e a época, o (a) educador (a) irá questionar o que as mulheres estariam fazendo neste período.

Solicitar que elaborem quadros retratando mulheres na mesma época, usando a sua criatividade.



Fonte: <http://imperiobrazil.blogspot.com.br/2012/02/escravidao-e-escravatura.html>

Resultados esperados: Aumentar o repertório de imagens e conhecimentos específicos sobre o cotidiano das mulheres e expressar habilidades artísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa qualitativa foi realizada para identificar as práticas educacionais especificamente em uma escola, os resultados revelaram que a professora entrevistada não possui um parecer definido sobre o sexismo escolar e suas práticas são motivadas pelas estruturas culturais e sociais.

A professora está em formação no curso de pedagogia, logo podemos concluir que o assunto sexismo ainda não foi abordado ou a forma como foi tratado não causou impacto em sua postura profissional.

Outro fator importante observado é que a gestão escolar não interfere na prática educativa com um olhar transformador, supondo que o sexismo não é discutido nas reuniões pedagógicas e não é observado para o desenvolvimento das atividades didáticas.

O que nos revelou a urgência de se repensar o ensino e aprendizagem e envolver a família no processo, ampliando o tema e permitindo que sejam participativas, que possam compreender as questões sociais e culturais, e assim desenvolver atitudes articuladas com o sistema educacional, assumindo o papel de fiscalizadora das atitudes e procedimentos desenvolvidos no ambiente escolar.

As atividades que foram apresentadas são pequenas atitudes que podem desenvolver o processo reflexivo dos profissionais da educação, despertar a criatividade e possibilidade de reavaliar a própria prática.

São atividades talvez já conhecidas por muitos, porém o que ficou evidente foi possibilidade de adaptações didáticas e dos conteúdos não ignorando a importância do sexo masculino, mas promovendo maior interação das mulheres no contexto das aventuras dos best-sellers, na construção histórica e assim contribuir para diminuir as desigualdades.

Portanto são pequenas atitudes que podem mudar um pensamento, talvez em longo prazo, mais o importante são as iniciativas que inspiram a coletividade, considerando que muitas conquistas da humanidade já foram utopias.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Salário médio de admissão de mulheres no mercado de trabalho aumenta em 2014.** Disponível em http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho_/salario-medio-de-admissao-de-mulheres-mercado-de-trabalho-aumenta-em-2014/. Acesso em 02 mai. 2015.

CARDOSO, C. F.; VINFAS, R. **Domínios da história:** Ensaios de teoria e metodologia. Cidade, Estado: Editora, ano.

CHAGAS, E. P. **Educação Física:** reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino. 1991. 191f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, 1991.

MONTSERRAT, Moreno. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. Trad. Ana Venite Fuzatto. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

A SUPERACÃO DAS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NO ...

www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses